

ESTAR NA MINHA PELE: TEATRO-FÓRUM NUM PROJETO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO PARTICIPATIVA

BEING IN MY SKIN: FORUM THEATRE IN A PARTICIPATORY ACTION RESEARCH PROJECT

Ana Luísa Almeida¹

¹Escola Superior de Educação do P. Porto, Portugal, analuisambalmeida@gmail.com

Daniela Rocha²

²Escola Superior de Educação do P. Porto, Portugal, danielasrocha.2003@gmail.com

Resumo

O Teatro-Fórum - uma das modalidades do Teatro do Oprimido-, é um método expressivo e reflexivo, que permite pensar os modos de transformação social e libertação, através da aprendizagem dialógica que decorre das situações do quotidiano. Neste artigo, damos conta do trabalho desenvolvido no âmbito de um projeto de estágio de 3.º ano da licenciatura em Educação Social, com jovens e adultos, que evidenciavam alguma dificuldade do ponto de vista Intelectual e Desenvolvimental (DID). A Associação *SOMOS NÓS* foi o “palco” deste trabalho, que envolveu a necessidade de pensar e reconceitualizar o significado das respostas sociais a estes indivíduos. Ao longo do texto, discutimos de que forma o projeto *ESTAR NA MINHA PELE* permitiu pensar a resolução de conflitos, criar condições de bem-estar, participação ativa e cooperação com e na comunidade. O projeto foi desenvolvido segundo os pressupostos da *Investigação-Ação Participativa*, em que se considerou a contextualização da realidade para a compreender e mediar todo o processo de intervenção. A utilização desta metodologia permitiu a criação de um projeto participativo e transformador, com maior enfoque ao nível pessoal e social, que teve como principais resultados o desenvolvimento de competências de comunicação, de mediação de conflitos, de empatia e de cooperação.

Palavras-chave: investigação-ação participativa, teatro-fórum, dificuldade intelectual e desenvolvimental, educação social, projeto.

Abstract

The Forum Theatre—one of the modalities of Theatre of the Oppressed—is an expressive and reflective method that allows for the exploration of social transformation and liberation through dialogical learning arising from everyday situations. In this article, we report on the work developed within the framework of a third-year internship project in Social Education, with young people and adults who exhibited some difficulties from an Intellectual and Developmental perspective (IDD). The *SOMOS NÓS* Association served as the “stage” for this work, which involved the need to think about and reconceptualize the meaning of social responses to these social actors. Throughout the text, we discuss how the project *ESTAR NA MINHA PELE* enabled considerations of conflict resolution, the creation of conditions for well-being, active participation, and cooperation with and within the community. The project was developed with the principles of Participatory Action Research in mind, considering the contextualization of reality to understand and mediate the entire intervention process. The use of this methodology allowed the creation of a participatory and transformative project, with a greater focus on the personal and social area, whose main results were the development of communication skills, conflict mediation, empathy and cooperation.

Keywords: participatory action research, forum theatre, intellectual and developmental disabilities, social education, project.

INTRODUÇÃO

Este texto corresponde a uma reflexão do projeto *ESTAR NA MINHA PELE*, um projeto de investigação-ação, desenvolvido na Associação SOMOS NÓS. O projeto foi concretizado através dos interesses e necessidades dos jovens e adultos que evidenciavam alguma dificuldade do ponto de vista intelectual e desenvolvimental (DID). A finalidade era *promover a cooperação e a participação ativa, com vista ao seu bem-estar* através da técnica de Teatro-Fórum - uma das modalidades do Teatro do Oprimido, proposta por Augusto Boal (1991). Esta estratégia partiu essencialmente da própria comunidade e foi concretizada a partir de reuniões de grupo, conversas intencionais, exercícios de dinâmica de grupo e a realização de um vídeo.

O Teatro-Fórum foi, na sua totalidade, co-construído pelos jovens e adultos com DID, com o apoio dos restantes atores sociais, mais concretamente os profissionais da associação, voluntários e estagiários, bem como das autoras deste texto, no seu papel de estagiárias e estudantes de Educação Social. Este projeto foi proporcionando um debate que permitiu compreender e concretizar algumas possibilidades emancipatórias voltadas para a transformação social. Esteve em constante avaliação e em aberto, para que pudesse ir-se adaptando aos interesses e realidades das pessoas, e às circunstâncias que foram surgindo ao longo do processo. Esteve sempre subjacente o interesse em compreender de que forma o Teatro-Fórum, ramo do Teatro do Oprimido que procura a libertação através da vivência e reflexão sobre as situações quotidianas, poderia fortalecer aqueles jovens, permitindo, até, a aquisição de competências que facilitassem a sua integração social e cultural.

O artigo está organizado em cinco tópicos. O primeiro aborda a metodologia de Investigação-Ação Participativa, utilizada ao longo do desenvolvimento do projeto *ESTAR NA MINHA PELE*; segue-se uma contextualização da associação em que decorreu, caracterizando-a. Depois, é apresentado o processo de investigação-ação passando para o enquadramento e compreensão da importância do Teatro-Fórum. Por último, aborda-se a arte interativa enquanto possibilidade de transformação.

1 INVESTIGAÇÃO-AÇÃO PARTICIPATIVA

A Investigação-Ação Participativa, como refere Serrano (1990), é uma metodologia de investigação que está inserida no paradigma socio-crítico, e cuja conceção de investigação passa por compreender a realidade social através do olhar e da participação dos vários atores sociais, procurando a sua transformação. Esta metodologia leva a uma visão crítica e reflexiva da realidade, incentivando a análise da pertinência e da coerência das práticas sociais. Espera-se que o resultado deste processo possibilite a transformação da realidade, promovendo o desenvolvimento de capacidades de emancipação e de participação (Serrano, 1990).

De acordo com Coutinho et. al. (2009), a investigação-ação distingue-se pela sua natureza cíclica, que abrange o planeamento, a ação, a observação e a reflexão. Este processo permite aos educadores refletirem sobre as suas práticas enquanto investigam, de forma a melhorar e ajustar as ações que fazem sentido, aos diferentes atores sociais, nos contextos. Os autores destacam, ainda, o carácter colaborativo desta metodologia, frequentemente marcada por uma estreita parceria entre os investigadores e os participantes, promovendo uma relação dinâmica e interativa entre a teoria e a prática. Adicionalmente, a metodologia de investigação-ação permite valorizar o contexto e as experiências de todos os participantes envolvidos, constituindo-se como uma metodologia facilitadora da transformação educativa e do desenvolvimento profissional contínuo. Ao adotar esta metodologia, os educadores podem abordar problemas reais e específicos dos seus contextos, desenvolvendo soluções práticas com as pessoas e facilitando a conscientização necessária dos agentes e atores educativos.

Timóteo e Bertão (2012) esclarecem que também a Educação Social tem por base este paradigma socio-crítico, dando ênfase à metodologia de investigação-ação, uma vez que se quer uma Educação Social que incentive processos emancipatórios e (auto)transformadores. Assim:

(...) parte de uma visão de um mundo que se deseja mais igualitário, solidário, inclusivo e democrático, firmado no paradigma socio-crítico, e tendo por base a visão do ser humano como capaz de se olhar e olhar o mundo de forma crítica e informada e capaz de intervir, num quadro de valores necessariamente inteligíveis e conscientes. (p. 16)

Posteriormente, Timóteo e Bertão (2012) referem a importância da metodologia de investigação-ação na intervenção do Educador Social, por ser centrada no indivíduo, abrindo um maior espaço para a participação. Compreende-se que a Investigação-Ação Participativa é extremamente importante para qualquer intervenção de âmbito social. Ela permite uma aprendizagem contínua e conjunta, dando espaço para a tão pretendida transformação, que só acontece se tivermos por base a importância da autonomia e da emancipação das comunidades. Esta transformação só se torna possível se for feita lado a lado com o indivíduo, investindo num processo cooperativo, onde há um diálogo horizontal e onde todos têm oportunidade de serem os protagonistas da sua própria transformação.

Este projeto partiu de momentos de pesquisa que permitiram aprofundar o conhecimento acerca do contexto, bem como das problemáticas quotidianas. Mas para além disso, sendo o/a educador/a social um profissional de proximidade, todo esse conhecimento foi sendo construído, não apenas com recurso a apoio teórico, mas também através de momentos informais, mais concretamente a partir de conversas intencionais e de um processo de análise focado na observação e na escuta ativa, que permitiu identificar os aspetos que definem a realidade e responder às questões que iam surgindo.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO

A metodologia de Investigação-Ação Participativa foi escolhida como a mais adequada para o trabalho que nos propúnhamos fazer na associação SOMOS NÓS. Esta associação caracteriza-se como um Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI), que dá respostas de desenvolvimento pessoal e profissional a jovens e adultos com DID (Associação Somos Nós, <https://somosnos.pt>).

O conceito de DID tem evoluído ao longo do tempo, passando por mudanças significativas, acompanhando também as mudanças do mundo que nos rodeia. Inicialmente, os “‘deficientes’, como se designavam, eram totalmente excluídos da interação com outros, o que limitava ainda mais o seu desenvolvimento” (Albuquerque, 2007, citado por Silva & Coelho, 2014, p. 165). No entanto, ao longo das últimas décadas, houve um movimento em direção a uma compreensão mais holística e inclusiva sobre as diferenças de desenvolvimento, motivada pela mudança de valores e visões sociais, que até então condicionavam a forma como estas pessoas eram tratadas e designadas. Esta mudança de tratamento também sucedeu pelo maior investimento científico na compreensão das várias questões ligadas à dificuldade intelectual e desenvolvimental, que decorreu da preocupação sobre a posição destas pessoas na sociedade (Silva & Coelho, 2014).

A evolução do conceito de ‘deficiência mental’ levou à adoção de termos mais atualizados e que procuram ser menos estigmatizantes e repressores, como ‘dificuldade intelectual e desenvolvimental’. Para além disso, espera-se que a utilização desta nova terminologia contribua para uma diminuição de preconceitos sobre a capacidade destes indivíduos enquanto seres autónomos, participativos e capazes de exercer a sua cidadania (Silva & Coelho, 2014).

A Associação SOMOS NÓS trabalha com pessoas com DID e, de forma a cumprir com a sua missão, rege-se pelos seguintes objetivos: promover a autonomia pessoal e social, a autoestima e a valorização das pessoas que a integram; facilitar o acesso à comunidade, aos seus recursos e atividades, através do envolvimento e da participação ativa; promover a inclusão social e socioprofissional, através da disponibilização e realização de atividades socialmente úteis (ASU); apoiar e contribuir para a construção de projetos de vida, com foco na participação ativa das

peças com DID, da sua família ou representante legal; contribuir para a mudança nas atitudes da população em geral face às peças com DID, através da dinamização de ações de inclusão na comunidade. (<https://somosnos.pt/#howeare>)

Neste contexto, observam-se diferentes dinâmicas relacionais que influenciam o funcionamento do CACI. De facto, notou-se que entre os jovens e adultos ocorrem frequentemente situações conflituais, desencadeadas pela falta de compreensão mútua e pela dificuldade em gerenciar emoções (Wehmeyer et al., 2017). De acordo com a equipa de profissionais, estes conflitos têm vindo a afetar negativamente as dinâmicas relacionais entre os diversos atores sociais, uma vez que estes se tornam gradualmente menos tolerantes às opiniões e atitudes do Outro.

Ainda assim, no contacto com a realidade, foi possível perceber que, em pequenos grupos, estes indivíduos demonstram ter relações de grande proximidade, e compartilham aspetos importantes das suas vidas e das suas rotinas quer entre si, quer com os profissionais. Muitos destes indivíduos estão familiarizados com o contexto da associação, seja nas dinâmicas mais administrativas e organizacionais, seja do ponto de vista das relações interpessoais. Este conhecimento possibilita uma melhor intervenção por parte da equipa técnica do CACI, que é capaz de compreender os diferentes comportamentos, as manifestações de felicidade e excitação, e as de tristeza e desinteresse.

3 PROCESSO DE CONHECIMENTO

O processo de construção de conhecimento deu prioridade aos momentos de conversas intencionais, paralelamente à escuta e observação atenta e ativa, que se tornaram ferramentas fundamentais para compreender aspetos não evidentes desta realidade, demonstrando a necessidade de um conhecimento aprofundado da mesma.

Durante este processo, evidenciou-se a identificação, pelos profissionais, de uma elevada quantidade de conflitos entre os jovens que frequentavam a SOMOS NÓS, com o sentimento de que estes afetavam de forma negativa o bem-estar de toda a comunidade. A partir das dinâmicas criadas no âmbito da Investigação-Ação, nomeadamente pela observação participante, foram-se percebendo os desafios que o grupo enfrentava e a forma como muitas vezes se tornava difícil a resolução de conflitos. A título de exemplo, mobilizam-se algumas falas de alguns jovens do grupo¹

- *Os gritos e as confusões incomodam-me quando estou a servir as sopas [tarefa autónoma]. - TM*
- *Nas atividades o T está sempre a incomodar a técnica. - TZ*
- *Quando estamos nas atividades a AD está sempre a falar por cima dos técnicos. - MV*

Para além dos confrontos que emergiam nas interações quotidianas, o facto de ter havido uma mudança recente na composição do grupo (alguns jovens deixaram a SOMOS NÓS, enquanto outros, ainda desconhecidos, ingressaram na Associação) e na equipa de profissionais, constituiu um desafio, alterando o ambiente do centro e o funcionamento das atividades. As mudanças são desafios constantes que caracterizam qualquer grupo, e cada grupo possui uma estrutura e uma dinâmica própria. Verificámos neste grupo, e que vai ao encontro do que encontramos na literatura (e.g., Walsh, 2001), que as mudanças nas rotinas causam stresse e ansiedade, sendo que as peças com DID tendem a necessitar de um quotidiano organizado, familiar e previsível para se sentirem mais seguras e confiantes. Ou seja, a aceitação e integração de novas rotinas pode tornar-se mais lenta e complexa, assim como a construção de relações com peças novas, podendo gerar frustração e resistência à mudança e dificultar a gestão de conflitos.

Nesta perspetiva, os conflitos são entendidos como podendo afetar profundamente a pessoa, pois, tal como a mudança, geram stresse e podem levar ao aumento da vulnerabilidade

¹ As iniciais são usadas para proteger a identidade dos participantes do projeto.

emocional (Wehmeyer et al., 2017). Para além disso, criam um sentimento de frustração, que se associa a uma maior dificuldade na comunicação ou até na expressão de emoções, e que suscita uma reação mais impulsiva e defensiva. Assim, torna-se necessário investir numa rede de suporte bem estruturada e preparada, que ajude a lidar com estas frustrações, bem como na criação de um espaço seguro e de mediação, onde os indivíduos possam expressar-se livremente e sentirem-se ouvidos e respeitados (Wehmeyer et al., 2017).

Todavia, entendemos também os conflitos como uma constante desde o início da vida humana, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento e crescimento de qualquer sistema familiar, social, político e organizacional. Desde que exista interação, existem também conflitos, e podemos abordá-los de diversas formas, isto é, podemos ignorá-los, “abafá-los” ou até resolvê-los, e transformá-los em ferramentas de evolução pessoal e social (Silva & Flores, 2014). Acreditamos, assim, que é importante abordar os conflitos como sendo uma parte natural das interações humanas, e olhar para a divergência e para a diferença como contributos fundamentais para o desenvolvimento humano, relacional e grupal (Silva & Flores, 2014).

Assim, em conjunto com o grupo de jovens e adultos, e com os profissionais da Associação SOMOS NÓS, fomos identificando a necessidade de explorar esta perspetiva e de estimular a compreensão da perspetiva do Outro, o reconhecimento e a valorização da diferença, criando oportunidades para desenvolver novas formas de lidar com os desafios que emergem nas interações e de responder aos conflitos. Verdugo (2001, citado por Cunha & Costa, 2007) faz referência à importância de se desenvolver competências para compreender e refletir sobre os comportamentos próprios e os dos outros, a razão de ser dos mesmos, as expectativas sociais e a perceção de adequação às variadas situações e contextos do quotidiano, permitindo, neste caso, não agravar as situações em momentos de maior stresse que os jovens e adultos possam ter no espaço doméstico ou face a alguma responsabilidade fora do comum no CACI.

Desta forma, o contributo para a capacitação das pessoas nas áreas da sociabilidade e da emocionalidade tornou-se o foco central deste projeto de intervenção. Uma das potencialidades do Teatro-Fórum é justamente haver uma mediação de conflitos que possibilite a construção de soluções coletivas. Neste contexto em particular, o Teatro-Fórum surgiu como possibilidade de criar pontes de comunicação entre os diversos atores sociais, permitindo a exploração da origem dos conflitos e fazendo emergir leituras mais profundas da realidade.

O processo de construção de conhecimento possibilitou também a identificação de inúmeras potencialidades inerentes ao grupo, aos profissionais e à instituição. Percebeu-se uma enorme vontade de participação por parte dos jovens e adultos na realização das atividades, de aprender coisas novas e de alcançar objetivos pensados em conjunto. Para além disso, evidenciaram-se como potencialidades os seus interesses diversificados, que passam pela música, dança, canto, teatro, tocar instrumentos, entre outros.

Percebeu-se também a disponibilidade por parte da equipa técnica para dedicar-se e apoiar os objetivos, necessidades e competências de cada jovem e adulto. Atendendo ao facto de que esta é uma equipa multidisciplinar, os profissionais complementam-se, dando contributos no âmbito das suas áreas de intervenção.

Adicionalmente, o espaço físico da Associação é multifuncional com diversas salas para atividades específicas (como por exemplo, informática, multiartes, leitura e escrita, com um polivalente composto por materiais para realizarem atividades desportivas). Para além disso, a Associação tem um jardim onde as pessoas podem descansar ou realizar atividades e uma horta onde praticam jardinagem. Esta enorme quantidade de recursos é, visivelmente, fundamental para contribuir para o bom desenvolvimento das competências dos jovens e adultos deste grupo, e constituem recursos necessários para a construção de uma ação colaborativa.

4 CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO ATRAVÉS DA ARTE

No âmbito da Investigação-Ação, a construção de conhecimento não se desliga da ação e tem uma intencionalidade transformadora. Isto significa que o conhecimento sobre a realidade é

construído a partir de encontros com os atores sociais, nos quais se discute e se reflete sobre a realidade concreta, os seus problemas, necessidades e potencialidades, conforme são experimentados pelas pessoas que nela vivem e interagem. Esta reflexão possibilita a emergência de questionamentos e de novos significados, e enceta os processos impulsionadores da mudança.

Considerando este pressuposto, é essencial conhecer e respeitar os contextos aprendendo com as pessoas que neles habitam. Prestar atenção ao ambiente e às relações entre os diferentes atores e agentes educativos é uma das preocupações que nos levou até à Associação SOMOS NÓS. A partir dos encontros com os jovens e adultos, e com os profissionais, foi possível formular, colaborativamente, a finalidade deste projeto: *promover os processos de cooperação e participação ativa dos jovens e adultos com vista ao seu bem-estar*. Procurou-se alcançar esta finalidade através dos seguintes objetivos: (1) Fomentar a coesão grupal; (2) Promover a gestão de conflitos e (3) Promover a participação dos cuidadores dos jovens e adultos dentro da associação.

A estratégia que serviu como fio condutor de todo este processo foi o Teatro-Fórum. Consideramos que esta estratégia é uma mais-valia, pois permite identificar problemas e vivências identificadas pelo grupo e montar dramaturgias que convidem à reflexão e ação. Para além disso, todos os atores sociais mostraram, ao longo do tempo, interesse em experienciar esta estratégia, visto que a identificavam com o que conheciam do teatro mais convencional. E muito embora esta proposta fosse diferente do teatro de que tinham memória, lembravam-se do que significava representar para outros, quando essa era uma prática regular no CACI antes do período de pandemia do vírus Covid-19. Vários jovens e adultos referiram-se a este processo como uma forma de expressão e de mudança de pensamento:

- *O teatro faz-nos pensar sobre muitas coisas e a resolver situações.* - TZ

- *Faz bem à cabeça experimentar coisas novas.* – M

- *Gosto da ideia do teatro e gostava muito de fazer uma dança.* - D.

Foi assim que a origem deste projeto se alinhou com os objetivos que já vínhamos definindo, desde a prioridade dada aos problemas, às potencialidades e aos recursos identificados na análise da realidade de vida daqueles indivíduos, proporcionando a sua participação e envolvimento, enquanto agentes de intervenção e mudança da sua própria vida.

5 TEATRO-FÓRUM

Como refere Soeiro (2021):

Há várias dimensões que interpelam um olhar crítico sobre o papel da arte em processos de participação e sobre o impacto que as práticas de criação artística podem ter no combate às múltiplas formas de desigualdade, de opressão e de exclusão. (p.81)

Como refere este autor, o Teatro-Fórum é uma pergunta sob a forma de teatro, que permite refletir criticamente acerca das relações de poder, desafiando as normas sociais que, consequentemente, marginalizam certos grupos. Ao incentivar a participação ativa de diferentes vozes, incluindo quem se encontra excluído, dá visibilidade às lutas destas comunidades. Torna-se, então, um processo de criação de um ambiente de valorização da diferença, que permite promover um verdadeiro sentimento de envolvimento e aceitação (Soeiro, 2021).

Alinhando-se à Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (1987), o Teatro-Fórum desenhou-se como fundamental para repensar os 'elos sociais', e para alertar para as possibilidades de transformação em que convergem: a pedagogia, o teatro e a política. Uma possibilidade que demonstra que a mudança é, de facto, possível e que todos podem fazer parte ativamente na construção de um mundo mais justo (Soeiro, 2021). Na verdade, e como refere este autor, todos nós, mesmo que inconscientemente, representamos uns para os outros todos os dias - uma aceção que parte da ideia de que todos temos capacidade de nos observarmos em ação.

Esta modalidade de educação política e popular permite evidenciar desigualdades, para melhor agir, promove a empatia e estimula o pensamento crítico. O Teatro-Fórum instiga os participantes a reconhecerem as estruturas de poder que influenciam o seu quotidiano e desafia a pensar sobre possíveis mudanças. A experiência prática de se colocar no lugar do outro, não apenas fisicamente, mas também conectando-se emocionalmente, contribui para o desenvolvimento de uma consciência coletiva, procurando soluções criativas para problemas comuns (Freire, 1987).

5.1 Teatro-Fórum e Pedagogia do Oprimido

A Pedagogia do Oprimido, como referem Antunes et al. (2018), é uma abordagem educacional que visa a conscientização e a libertação dos oprimidos. Ela propõe uma prática pedagógica centrada na dialética entre educador e educando, com o objetivo de promover a reflexão crítica sobre as estruturas de poder e a capacitação dos indivíduos para a transformação social. A sua importância reside na capacidade de empoderar os indivíduos para compreenderem a sua realidade social, cultural e política, e agirem de forma consciente e comprometida na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

Trata-se de uma pedagogia que valoriza as vivências dos indivíduos, promovendo a autonomia e a participação ativa na construção do conhecimento e na transformação da realidade. Assim, a Pedagogia do Oprimido não apenas contribui para o processo educativo como, também, inspira a esperança de um mundo melhor, onde a justiça e a liberdade são fundamentais (Antunes et al., 2018)

Inspirado na Pedagogia do Oprimido, surgiu o Teatro do Oprimido – criado por Augusto Boal na década de 1960 - como possibilidade de agrupar um conjunto de técnicas e práticas associadas ao teatro, com vista à formação política do oprimido e à humanização, no sentido de ultrapassar as opressões sofridas nos âmbitos social, psicológico ou simbólico. Assim, o Teatro do Oprimido é uma metodologia que contribui para expressar e compreender as vivências e as relações humanas, em busca da produção de sentidos, do significado da vida em comunidade e da formação política (Canda, 2012).

Boal considerava o Teatro-Fórum como “um ensaio para a vida, por meio do qual o *espect-ator* experimentava as possibilidades de atuação, de reivindicação da resolução de opressões vividas ou testemunhadas no contexto social” (Canda, 2012, p.121). No palco, e tal como já fomos salientando ao longo do texto, o sujeito assume a voz e a ação em busca de soluções para os problemas apresentados. Os procedimentos envolvem compartilhar histórias de vida, selecionar temas, e representar um problema social com “um ‘anti-modelo’ (ou seja, um modelo de vida não desejado, que não deve ser visto como modelo)”, onde oprimido e opressor têm motivações distintas. O protagonista busca resolver o conflito em cena, refletindo sobre possíveis ações para a mudança social.

O Teatro-Fórum dá, assim, oportunidade aos atores sociais de se expressarem e de refletirem acerca da sua ‘realidade opressiva’, sendo considerado uma forma de empoderamento das práticas culturais comunitárias (Canda, 2012). É através desta modalidade que trabalhamos os problemas identificados, fazendo com que os indivíduos deste CACI fossem os agentes da mudança almejada.

Saquiray (2017) refere que o Teatro do Oprimido desempenha um papel significativo na formação de qualquer indivíduo pela oportunidade de ajudar a desenvolver habilidades sociais, emocionais e cognitivas de maneira inclusiva e acessível. O que está em causa, como referia Boal (Canda, 2012), é o facto de se acreditar que as pessoas que, de algum modo, se encontram em contextos de exclusão e/ou opressão, têm a capacidade para compreender e transformar, pela possibilidade de criar um ambiente seguro e estimulante, onde possam expressar-se criativamente, explorar as suas emoções e experimentar diferentes papéis e perspetivas. Além disso, a prática teatral promove a autoconfiança, a autoestima e a comunicação, contribuindo para o desenvolvimento global dos indivíduos (Saquiray, 2017).

Paralelamente, existe, também, a oportunidade de se envolverem em experiências de aprendizagem significativas, colaborativas e inclusivas, que os capacitam a enfrentar desafios, superar estigmas e integrarem-se de forma mais plena na sociedade. Assim, o teatro não apenas enriquece a formação como, também, promove a inclusão, a diversidade e o empoderamento desses indivíduos (Saqiray, 2017).

Apesar de se apostar no Teatro-Fórum como principal estratégia para desenvolver as diversas competências que se pretendiam trabalhar ao delinear o projeto, também foram utilizadas outras abordagens que se tornaram essenciais como reuniões de grupo, conversas intencionais, exercícios de dinâmica de grupo, e a realização de um vídeo.

6 ARTE INTERATIVA E TRANSFORMAÇÃO

O projeto foi desenvolvido em três grandes ações denominadas de *Círculos de Discussão, Teatro em Construção e Transformações em Cena*.

A primeira ação consistiu na partilha de questões que levavam à descoberta dos motivos implícitos nas situações de conflito, procurando identificar as razões desses conflitos, e também os sentimentos de mal-estar gerados. Foram elencadas as problemáticas mais recorrentes, que evidenciavam dificuldades relacionais, identificadas como difíceis de ultrapassar, mas que os participantes gostariam que mudassem (Figura 1).

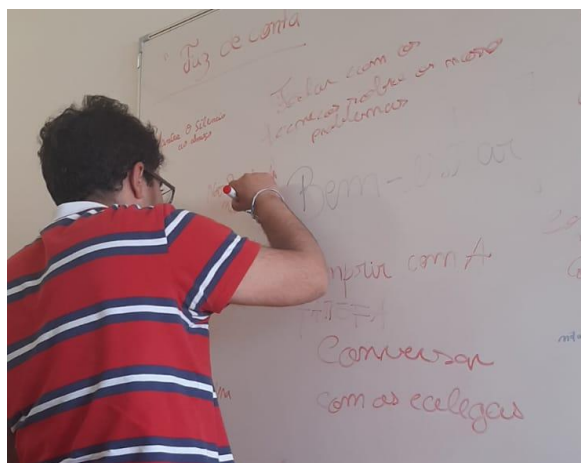
Assim, a ação *Círculos de Discussão* permitiu que, ao verbalizar as suas dificuldades ou acontecimentos do quotidiano, com os quais não se sentiam confortáveis, se construísse um espaço livre, aberto e horizontal para idealizar o teatro e, com este, a mensagem que as pessoas gostariam de passar para a comunidade da SOMOS NÓS. Nestas sessões, depois de identificar o problema (ou tema), foi explorado como este poderia ser desenvolvido, principalmente através do Teatro-Fórum, e foram discutidas as possibilidades de trabalho que deram origem ao projeto.

Nestas reuniões os jovens e adultos demonstraram interesse em desenvolver uma ou duas cenas que representassem a realidade vivida e sentida dentro da Associação Somos Nós e, ao mesmo tempo, trabalhar o tema através de uma música ou de uma dança, sendo estas as duas formas de expressão que mais gostam de utilizar:

- *Eu gostava de fazer uma dança ou uma música. - TZ*
- *Eu adoro ouvir música, quando ouço sinto-me compreendida. - C*

Figura 1

Exemplo de exercícios realizados em grupo (Imagem adaptada)



Após estas reuniões em pequeno grupo, e de forma que todos os participantes pudessem partilhar a sua opinião sobre as ideias que foram emergindo, fizemos diversas reuniões dentro das diferentes oficinas, para que todos os jovens, adultos e profissionais partilhassem o que gostavam de ver num teatro e como este poderia resultar da melhor forma, criando algum impacto sobre o tema abordado. Dentro destas reuniões, obtivemos um feedback muito positivo e consistente com as opiniões anteriores. Todos os jovens e adultos partilharam a mesma opinião que os seus colegas, expressando um grande gosto por verem a dança e a música integradas nas produções teatrais (Figura 2).

Figura 2

Construção dos guiões (imagem adaptada)



No desfecho das sessões dedicadas à exploração dos temas, conseguimos perceber que os jovens e adultos demonstravam uma notável aptidão para o teatro, na medida em que, apesar de uns terem mais dificuldades do que outros, facilmente criaram uma cena de conflito em tempo real e, simultaneamente, conseguiram perceber que os colegas que assumiam os papéis em cena, não estavam, de facto, envolvidos num conflito real. Isto é, colaboraram com a estratégia de “faz de conta”, expressão que fomos utilizando bastante para que não houvesse nenhum indivíduo confuso. Além destes momentos de representação teatral, ao término de cada sessão, procuramos todos juntos perceber se o grupo era capaz de identificar os pontos de fragilidade na comunicação destas personagens e discutir as respetivas ações que cada uma poderia ter adotado. Neste espaço de diálogo, testemunhamos uma participação ativa dos indivíduos envolvidos, com contributos significativos sobre os comportamentos mais adequados ou desejáveis em determinadas circunstâncias:

- *O tom de voz que foi usado foi muito bruto. - R*

- *Não podemos falar assim com os colegas, podemos estar a magoá-los. - G*

Foi neste momento que se percebeu que o processo de mudança e de transformação de atitudes estava a acontecer, e que os comportamentos evoluíam à medida que se verbalizava e colocava em comum a experiência de mal-estar.

A segunda ação, denominada *Teatro em Construção*, teve como objetivo a construção e o desenvolvimento dos planos que foram criados na primeira ação.

Um dos momentos mais importantes e que também evidenciaram o efeito transformador da arte, foi logo no primeiro ensaio realizado, que contou com a presença dos restantes membros

da Associação, incluindo a equipa de profissionais. O momento de fórum aqui desenvolvido abriu espaço para que os profissionais pudessem partilhar com o grupo como se sentiam durante os momentos de conflito, destacando o cansaço que muitas vezes sentiam por terem de chamar à atenção para comportamentos, atitudes e falas inadequadas. Os jovens e adultos, depois destas partilhas, demonstraram a sua capacidade empática, ao compreenderem os profissionais e ao assumirem a responsabilidade pelos seus comportamentos, mostrando desejo de melhorar.

Neste processo, destacaram-se os pequenos (mas importantes) passos que foram sendo dados ao longo de todo o processo, na medida em que se verificou uma crescente participação, motivação, respeito pelo outro. Isto demonstrou que a criação de um espaço seguro e saudável, em que o diálogo é central e a arte flui, permite a abertura que leva ao alcance do empoderamento de um grupo que não se sente, por norma, credibilizado, passando este a utilizar das suas próprias ferramentas para transformar e moldar a realidade.

De facto, o empoderamento está associado à “conquista de liberdade”, (Timóteo, 2014). Este conceito, que está de alguma forma intrínseco ao conceito de capacitação, significa “dar poder ou autoridade, tornar capaz, permitir” (Weber, 2011 citado por Timóteo, 2014). É, no fundo, um processo de reflexão interiorizada que permite que os indivíduos reivindiquem os seus direitos, tomando as rédeas das suas vidas, através do processo de autodeterminação (Timóteo, 2014).

Freire (1979, citado por Baquero, 2012) vê o empoderamento como um despertar da consciência, onde se evolui de uma perceção ingénua sobre si e sobre o mundo, para uma perceção crítica. Além disso, este autor ainda refere que o processo de tomada de consciência acontece através das aprendizagens que o indivíduo adquire através da relação entre si e o mundo que o rodeia, não sendo possível acontecer de uma forma isolada (ação-reflexão). Apesar desta conscientização ser feita na relação entre o *Ser Humano* e o mundo, este processo não passa por manipular ou impor ao Outro uma visão sobre o que o rodeia, mas sim deixar cada indivíduo apropriar-se da realidade, desenvolvendo, individualmente, um pensamento que seja o mais crítico possível sobre ela.

A terceira e última ação, *Transformações em Cena*, consistiu na apresentação do teatro à comunidade da SOMOS NÓS, possibilitando a abertura para um diálogo acerca das questões conflituais e quais as estratégias que se podem adotar, de forma a transformar esta realidade. Assim, também surgiu a ideia da criação de um vídeo, que responderia à possibilidade de os jovens e adultos mostrarem as suas capacidades à comunidade, como forma de empoderamento. Em convergência, esta também era uma possibilidade para a equipa de profissionais criar maior proximidade dos cuidadores dos jovens e adultos à associação e ao trabalho que está a ser desenvolvido, fomentando as redes de cooperação, e procurando também que possa haver uma continuidade deste trabalho em casa.

Relativamente ao fórum, os elementos do público que quiseram fazer parte da cena de improviso, acabaram por ocupar vários lugares de diferentes personagens e não apenas o lugar da personagem principal. Assim, foi possível ouvir várias perspetivas de como os jovens mediavam e/ou resolveriam aquele conflito.

Na avaliação do projeto *ESTAR NA MINHA PELE* foi salientada a relevância dos processos emancipatórios em iniciativas sociais e educativas, baseados em perspetivas freirianas. Enquadrada numa lógica de Investigação-Ação, esta assumiu-se como um processo contínuo, dinâmico e criativo, essencialmente gerado a partir dos participantes, em dinâmicas de autoavaliação potenciadoras da reflexão (Monteiro, 1996). Nesta lógica, a recolha de informação através do diálogo permitiu aferir a construção e a continuidade dos processos educativos e sociais. A avaliação foi realizada de forma contínua ao longo de todo o projeto, integrando momentos de reflexão individuais e de grupo no final de cada sessão. Esta abordagem incluiu a utilização de atividades específicas destinadas a estimular o pensamento crítico dos jovens e adultos sobre o projeto em desenvolvimento, bem como a formulação de perguntas intencionais realizadas durante as atividades e nos momentos de lazer, permitindo, assim, a criação de um espaço de oportunidades para serem desenvolvidas relações de proximidade, facilitando a comunicação e promovendo um ambiente propício para que estas pessoas se expressassem.

Estas expressões passaram por momentos de sugestões e críticas no sentido de melhorar o projeto, tais como as respetivas atividades e como poderiam ser melhoradas; e, além disso, momentos de autorreflexão e autoavaliação do próprio comportamento, não apenas durante a atividade, mas durante a respetiva semana onde se encontravam, contribuindo para a consciencialização coletiva.

Foi também através de métodos formais e não formais que o projeto se pautou, destacando a escuta ativa e continua de todas as vozes, criando um espaço seguro para o compartilhamento de opiniões, necessidades e sugestões. Isto permitiu que os atores sociais pensassem o projeto conforme as suas expectativas, vontades e vivências, contribuindo para que este fosse efetivamente co-construído. Além disso, este espaço permitiu reforçar a capacidade deste grupo para refletir criticamente, evidenciando a importância do Teatro-Fórum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Pode ser que o teatro não seja revolucionário em si mesmo,
mas não tenham dúvidas: é um ensaio da revolução!*
Augusto Boal (1991, p. 181)

As mudanças que o projeto *ESTAR NA MINHA PELE* proporcionou através da Investigação-Ação Participativa e, conseqüentemente, do Teatro-Fórum, foram sendo, não apenas sentidas, mas também concretizadas durante e na conclusão do processo.

De facto, ao longo das sessões, foi possível observar o desenvolvimento da tolerância dos jovens e adultos perante situações de discórdia; de uma expressão mais aberta de opiniões, especialmente dos elementos com maior dificuldade para o fazer; do gosto pelo teatro, enquanto metodologia que permite promover o sentimento de pertença; de autoconfiança; de compreensão das emoções; do pensamento crítico e questionamento acerca das suas ações e dos outros; de autonomia; de capacidade de dialogar sobre assuntos 'difíceis' e pouco abordados naquele contexto. Foi um processo criativo, formativo e envolvente.

As vozes das pessoas foram sempre sendo os alicerces que definiram as diretrizes do projeto, indo ao encontro de uma perspetiva de Educação Social transformadora e transformativa. Como referem Veiga et al. (2013), na Educação Social o conhecimento é construído através das pessoas e com as pessoas, empoderando-as para transformarem a sua realidade. Desta forma, os educadores sociais são profissionais de proximidade que podem potenciar mudanças significativas nas comunidades em que se envolvem, através de uma intervenção participada e co-construída.

Ainda assim, destaca-se a importância da continuidade e consistência destes momentos de co-construção, nos quais os jovens e adultos com DID pudessem ter oportunidade de participação, fomentando competências e também a possibilidade de fazerem parte das decisões que regem a Associação. A Associação Somos Nós abre sempre um espaço, denominado de Reunião de Grupo, para ouvir as opiniões das pessoas acerca das atividades e de conflitos que vão decorrendo. Ainda assim, o desenvolvimento de espaços mais politizados, que fomentem o pensamento crítico dos jovens e adultos e a distribuição mais igualitária de poder entre os diferentes atores sociais (profissionais, jovens e adultos) seria potenciador de mudança e emancipação. Aqui destacamos mais uma vez a importância do Teatro-Fórum, que nos seus momentos de fórum deu o espaço e a oportunidade para que fossem discutidas questões importantes para a comunidade. Sugere-se, assim, a construção de espaços organizados, tal como estes fóruns, ou assembleias, onde as pessoas se reúnam para discutir as questões importantes para as suas vidas, que priorizem as opiniões dos jovens e adultos, permitam que estes tomem decisões de maior relevância para aquele espaço e, conseqüentemente para si próprios. Tal permitiria, neste contexto em particular, a possibilidade de se desvelar a realidade, a partir de um entendimento não só relacional, mas também estrutural, das razões dos conflitos que emergem no quotidiano.

Consideramos importante combater algumas lógicas institucionais que são, historicamente, repressoras e limitadoras dos direitos das pessoas com DID (Código Civil, artigo 138.º, n.º1; artigo 128.º; artigo 139.º; lei n.º 49/2018) e que, conseqüentemente, influenciam as organizações e associações locais, como a SOMOS NÓS. Assim, torna-se fundamental o desenvolvimento de projetos de educação e intervenção social, usando, principalmente, os recursos que os grupos considerem essenciais, como os próprios recursos humanos, que tanto podem usufruir da arte, da comunicação e, acima de tudo, da autodeterminação para ajudar a mudar o mundo de acordo com visões mais justas.

“O Teatro do Oprimido assume com humildade o potencial do seu projeto militante” (Soeiro, 2021, p. 86). Na verdade, e como refere este autor, o teatro não se esgota em si mesmo. Aliás, pensado como um ensaio incompleto, convida a uma constante reflexão e ação. Valorizando as relações horizontais de proximidade e de mutualidade com toda a comunidade foi possível perceber que, tal como propunha Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido, a educação que é orientada para a autenticidade propõe condições e métodos para que ninguém seja marginalizado, ignorado ou excluído.

REFERÊNCIAS

- Antunes, A. B., Gadotti, M., & Padilha, P. R. (2018). Três categorias que marcaram a pedagogia do oprimido. *Revista Educação em Perspetiva*, 9(2), 514-526. <https://doi.org/10.22294/eduper/ppge/ufv.v9i3.1104>
- Baquero, R. (2012). Empoderamento: Instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. *Revista Debates*, 6(1), 173-187. <https://doi.org/10.22456/1982-5269.26722>
- Boal, A. (1991). *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas* (6ª ed.). Civilização Brasileira. <https://artenocampo.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/09/teatro-do-oprimido-e-outras-poc3a9ticas-polc3adticas-1.pdf>
- Canda, C. N. (2012). Teatro-fórum: Propósitos e procedimentos. *Urdimento*, 1(18), 119-128. <https://doi.org/10.5965/1414573101182012119>
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M., & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 355-380. <https://hdl.handle.net/1822/10148>
- Cunha, I., & Costa, C. M. F. (2007). Comportamentos (des)adaptados: Causa ou efeito da deficiência mental? *Cadernos de Estudo*, 5, 59-70. <http://hdl.handle.net/20.500.11796/901>
- Diário da República. (2018). Diário da República n.º 156/2018, Série I de 2018-08-14, Lei n.º 49/2018, pp. 4072 – 4086. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/49-2018-116043536>
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (17ª ed.). Paz e Terra. <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>
- Monteiro, A. (1996). A avaliação nos projetos de intervenção social: Reflexões a partir de uma prática. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 22, 137-154. ISCTE.
- Saquiray, M. L. (2017). *A importância do teatro na formação educacional de alunos com deficiências no Centro Integrado de Educação Especial (CIEEI)*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Universidade do Estado do Amazonas. <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br//handle/riuea/742>
- Serrano, M. G. P. (1990). *Investigación-acción: Aplicaciones al campo social y educativo*. Dykinson.
- Silva, F. & Flores, P. (2014). O conflito em contexto escolar: Transformar barreiras em oportunidade. In M. Carvalho, A. Loureiro & C. Ferreira (Orgs.), *XII Congresso da Sociedade*

Portuguesa de Ciências da Educação, Ciências da Educação: Espaços de investigação, reflexão e ação interdisciplinar, 253-268. De Facto Editores. <http://hdl.handle.net/10400.22/6336>

- Silva, M., & Coelho, F. (2014). Da deficiência mental à dificuldade intelectual e desenvolvimental. *Revista Lusófona de Educação*, 28, 163-180T. ISSN: 1645-7250
- Soeiro, J. (2021). O teatro não chega? Uma reflexão sobre arte, inclusão e transformação política. In L. Pinto, J. Palinhos, I. Cabral (eds.), *Arte inclusiva? Quem inclui quem?* (pp. 81-93). CEAA/ESAP-CESAP. <http://hdl.handle.net/10400.26/38330>
- Timóteo, I. (2014). A participação nos projetos de intervenção social e educativa como estratégia de capacitação e de mudança – Representações e práticas no território de Vila D'Este. Tese de Doutoramento. Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/96547>
- Timóteo, I., & Bertão, A. (2012). Educação social transformadora e transformativa: Clarificação de sentidos. *Sensos*, 2(1), 11-26. <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/6296>
- Veiga, S., Ferreira, E., & Quintas, S. (2013). Sentidos: Um projeto de educação social no âmbito da deficiência mental. *Revista Iberoamericana de Educación*, 63, 63-75. <http://hdl.handle.net/10400.22/12852>
- Walsh, P. (2001). Rights of passage: Life course transitions for women with intellectual disabilities. In D. May (Ed.), *Transition and change in the lives of people with intellectual disabilities* (Cap. 8, pp. 135-157). Jessica Kingsley Publishers.
- Wehmeyer, M., Brown, I., Percy, M., Fung, A., & Shogren, K. (2017). *A comprehensive guide to intellectual and developmental disabilities* (2ª ed.). Brookes Publishing.

Recebido em 10 de novembro de 2024.

Aceite para publicação em 22 de dezembro de 2024.

Publicado em 30 de dezembro de 2024.